

## **SOBRELÉGIOS**

*Rinaldo de Fernandes*

Professor Doutor da UFPB

rinaldofernandes@uol.com.br

A primeira narrativa de Guimarães Rosa que li e que me impressionou imensamente foi o conto “Meu Tio o Iauaretê”. Nunca havia me deparado com nada parecido. Achei incrível a forma como o escritor retratou um homem rústico, rarefeito e, ao mesmo tempo, espesso. Muito espesso. Um homem que caça e convive com onça, cuja experiência – e mesmo muito de sua linguagem –, rege-se a partir da relação com o animal. Conviver com onças... a metáfora não poderia ser mais apropriada! Mas o que mais me rendia era o ritmo da narrativa, as rupturas e retomadas, a fala febril e monológica do personagem, as recordações fragmentadas dele, enfim, a força da oralidade. Assim: “Eh, urrou e mecê não ouviu, não. Urrou cochichado... Mecê tem medo? Tem medo não? Mecê tem medo não, é mesmo, tou vendo. Hum-hum. Eh, cê tando perto, cê sabe o que é que é medo! Quando onça urra, homem estremece todo... Zagaieiro tem medo não, hora nenhuma. Eh, homem zagaieiro é custoso achar, tem muito pouco. Zagaieiro – gente sem soluço...”.

Foi então que descobri *Sagarana*. E segui nas pisadas do burrinho pedrês, sorri com as tramóias de Lalino Saláthiel, parei nas dores e amores dos primos Ribeiro e Argemiro, deitei no duelo de Cassiano Gomes contra Turíbio Todo, ouvi Bento Porfírio bater na água, rolei na reza forte de João Mangolô (“Güenta o relance, Izé!”), topei com Manuel Fulô, tardei na conversa dos bois... e fui tomado novamente por uma outra narrativa de Rosa: “A hora e vez de Augusto Matraga”. Texto extraordinário, costurado em movimentos certos: a rispidez e ruindade do protagonista, a sua queda física e moral, a sua pena e penitência, a sua conversão em homem do bem, a notável síntese de valores (bondade e

coragem), que reúne em seu espírito para, com valentia e certo júbilo, enfrentar Joãozinho Bem-Bem, o mais bruto dos chefes jagunços. O roteiro do conto (ou novela) me instigou bastante, o duplo da construção dos personagens, que ora estão num lugar, ora noutro. No conto há momentos de intensa poesia, como aquele em que Dionóra, a mulher abatida e desconsiderada de Nhô Augusto, descobre-se amada por Ovídio Moura (personagem que, de pronto, remete ao poeta d’*A arte de amar*). Dionóra, em certo momento, num monólogo interior, idealiza: “E o outro [Ovídio] era diferente! Gostava dela, muito... Mais do que ele mesmo dizia, mais do que ele mesmo sabia, da maneira de que a gente deve gostar. E tinha uma força grande, de amor calado, e uma paciência quente, cantada, para chamar pelo seu nome: Dionóra...”. Quando Dionóra decide ir embora com Ovídio, a cena se passa diante de uma encruzilhada. Para o Quim Recadeiro, leal ao seu patrão Nhô Augusto, a decisão da mulher é errada, o caminho que ela opta “é outro”. Mas eis a beleza desconcertante da cena: Dionóra opta pelo caminho errado que lhe é certo, e deixa o caminho certo que lhe é errado. Explico melhor: o certo, para os códigos correntes, era a mulher, mesmo padecendo no casamento, de algum modo resignar-se e respeitar o marido (que todavia era perverso com ela); e o errado, também para os mesmos códigos vigentes, era ela seguir com o Ovídio (que no entanto a amava, assumindo-lhe a filha Mimita). Uma equação muito bem resolvida por Dionóra, quando anuncia para Ovídio: “...eu vou com o senhor, e fico...”. A história de Augusto Matraga me inquietou tanto, que, passados alguns anos de sua leitura, resolvi reescrevê-la – fiz o conto “Sariema” (referência à personagem secundária de “A hora e vez...”, aquela que aparece logo no início da narrativa, na cena do leilão). “Sariema” consta do meu livro *O perfume de Roberta* (2005) e está incluído na antologia *Quartas histórias: contos baseados em narrativas de Guimarães Rosa*, que acabei de preparar, reunindo 40 autores do país, e que em breve sairá pela Ed. Garamond, do Rio de Janeiro.

Após o contato com esses dois textos parti para a leitura do *Grande sertão: veredas*. E logo percebi no romance um ritmo parecido, um andamento próximo ao do conto “Meu Tio o Iauaretê”. Como este, havia um personagem monológico, agora numa narrativa comprida, compacta, falando para um interlocutor silenciado (sumido, por assim dizer). O fazendeiro e ex-jagunço Riobaldo, antes de tudo, talvez seja um dos personagens mais imaginosos da literatura de todos os tempos. O sertão simbólico, mas também concreto, que aparece no romance recebeu do crítico Antonio Candido, no célebre ensaio “O homem dos avessos”, a seguinte interpretação: “A experiência documentária de Guimarães Rosa, a observação da vida sertaneja, a paixão pela coisa e pelo nome da coisa, a capacidade de entrar na psicologia do rústico, – tudo se transformou em significado universal graças à invenção, que subtrai o livro à matriz regional para fazê-lo exprimir os grandes lugares-comuns, sem os quais a arte não sobrevive: dor, júbilo, ódio, amor, morte, – para cuja órbita nos arrasta a cada instante, mostrando

que o pitoresco é acessório e que na verdade o Sertão é o Mundo”. Em Guimarães Rosa, com efeito, o sertão é sempre o mundo. A leitura de *Candido*, em parte, combina com a que Paulo Rónai fez de Riobaldo (em “Três motivos em *Grande sertão: veredas*”): “... esse Fausto sertanejo, ente inculto mas dotado de imaginação e poesia, ao passar revista aos acontecimentos de sua vida aventurosa, enfrenta seguidamente todas as contingências do ser – o amor, a alegria, a ambição, a insatisfação, a solidão, a dor, o medo, a morte – e relata-as com a surpresa, a reação fresca de quem as experimentasse pela primeira vez no mundo...”.

Impressiona no *Grande sertão* a imagem que Riobaldo faz do Diabo. Efetivamente, o Diabo é uma preocupação imperiosa do personagem – presente e ausente, com ele o narrador-personagem fez e não fez o pacto. Afinal, houve mesmo o trato nas Veredas-Mortas? Se não houve, houve certamente mais força, ganhos. Coisa do Diabo ou não, após o episódio, revestiu-se de mais poderes o ex-jagunço.

E a relação de nomes com os quais Riobaldo se reporta ao Diabo? Vale a pena repeti-la: “O Arrenegado, o Cão, o Cramulhão, o Indivíduo, o Galhardo, o Pé-de-Pato, o Sujo, o Homem, o Tisnado, o Coxo, o Temba, o Azarape, o Coisa-Ruim, o Mafarro, o Pé-Preto, o Canho, o Duba-Dubá, o Rapaz, o Tristonho, o Não-sei-que-diga, O-que-nunca-se-ri, o Sem-Gracejos...”. Recordo que em “A hora e vez de Augusto Matraga” já há uma relação engenhosa de alcunhas atribuídas ao destemido Joãozinho Bem-Bem: “o arranca-toco, o treme-terra, o come-brasa, o pega-à-unha, o fecha-treta, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha, o rompe-e-arrasa...”.

E o que representaria o Diabo no romance? Responde Antonio Candido: “... nada encarnaria melhor as tensões da alma, nesse mundo fantástico, nem explicaria mais logicamente certos mistérios inexplicáveis do Sertão”. Para Riobaldo, o Diabo “vive dentro do homem” – ou é o “homem arruinado”, o “homem dos avessos”. Que justeza de imagem. E que beleza de definição!

A linguagem do romance, por outro lado, é mesmo apaixonante. Parece certo que em *Corpo de Baile* (depois desdobrado em três livros: *Manuelzão e Miguilim*, *No Urubuquaquá*, *no Pinhém* e *Noites do sertão*), e no *Grande sertão* é onde residem os principais inventos lingüísticos de Guimarães Rosa. São exemplos que retirei do romance: “cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões...”; “pois essezinho, essezim, desde que algum entendimento alumiou nele, feito mostrou o que é: [...] gostoso de ruim de dentro do fundo das espécies de sua natureza”; “o senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma idéia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!”; “ele [o cavalo] sabia olhar redor-mirado a gente, com simpatias ou com despezos, e respirava para dentro dos peitos a maior quantidade de ar que desejava, por quantas ventas tão largas ele tinha”; “Otacília estava guardada protegida...”;

“o xique-xique espinharol, cobrejando com suas lagartonas...”; “como o inimigo vinha: as listras de homens, récua deles...”; “acordei último...”; “e vi o mundo fantasma...”.

No romance de Rosa, sociologicamente falando, é também muito rica a representação do jagunço. Ainda Antonio Candido: “... o jagunço de Guimarães Rosa não é salteador; é um tipo híbrido entre capanga e homem-de-guerra”. Daí – acrescenta o crítico –, a aproximação com a Cavalaria: “O comportamento dos jagunços não segue o padrão ideal dos poemas e romances de Cavalaria, mas obedece à sua norma fundamental, a lealdade; e não há dúvida que também para eles a carreira de armas tem significado algo transcendente, de obediência a uma espécie de dever. No melhor dos casos, o senso de serviço, que é o próprio fundamento da Cavalaria”.

Por fim, outra coisa extremamente atraente na narrativa de Riobaldo são os “causos” que ele vai relatando. Em especial, o de Maria Mutema (que, recentemente, recebeu releitura do escritor Aleilton Fonseca nas *Quartas histórias* a que me referi). Maria Mutema, como Nhô Augusto – o mal e o bem no indivíduo. Ela encarna o Demônio e, pela força do seu arrependimento após ter matado, com chumbo derretido no ouvido, o marido e tentado o Padre Ponte (que também termina morrendo), vai se transformando aos olhos do povo em santa: “... recolhida provisória presa na casa-de-escola, não comia, não sossegava, sempre de joelhos, clamando seu remorso, pedia perdão e castigo, e que todos viessem para cuspir em sua cara e dar bordoadas [...]. Pela arrependida humildade [...], alguns diziam que Maria Mutema estava ficando santa”.

Guimarães Rosa é mesmo um autor admirável. A pergunta parece oportuna, neste momento em que se comemoram, respectivamente, 50 anos da publicação do *Grande sertão* e 60 do *Sagarana*: Como ele conseguiu escrever o que escreveu? Sobrelégios?...